



Provocar sentidos, atenção e questionamentos: plantas na moda sustentável

Tatiana de Lourdes Massaro¹

Resumo

Na moda têxtil, o tingimento natural possibilita que tecidos sejam coloridos com plantas. Ele carrega em si conhecimentos ancestrais e contempla práticas de educação da atenção e dos sentidos, desenvolvidas por meio de (con)vivências, processos e aprendizados entre humanos, plantas e outros não-humanos. Manual ou industrial, o tingimento natural permite que roupas ganhem cores como o vermelho, o amarelo, o verde e o azul que vêm, respectivamente, a partir de espécies vegetais como pau-brasil, cúrcuma, erva-mate e anileira, para citar algumas. Distanciando-se da indústria têxtil convencional e de seus corantes sintéticos altamente poluentes, o tingimento natural permite diminuir tais impactos em solos e rios, bem como à saúde humana. Nesse tingimento, em suma, pequenos agricultores seguem vivendo com a floresta; tintureiros convivem com corantes e mordentes vegetais; roupas, por sua vez, além das fibras naturais, carregam majoritariamente plantas e no futuro, dada sua matéria, poderão se biodegradar. No Brasil, uma das marcas que tem o tingimento natural em seu cerne é Flavia Aranha - que venho estudando em meu doutorado. Baseada na capital paulista, desde 2009 faz o que emicamente vem nomeando como “roupa viva”, composta com tecidos prioritariamente orgânicos e vegetais e tingida com plantas, cuja cor se transforma com o tempo. Colocando em relação pessoas e plantas, a marca ainda alia tecnologia ao processo, que pode ser manual ou industrial, e atua junto a uma “teia viva” onde estão pequenos agricultores, artesãos, tintureiros, estilistas e outros profissionais. Outras marcas de moda vêm fazendo esse mesmo movimento, entendendo que humanos e roupas são parte da natureza e procurando respeitá-la e regenerá-la a partir da moda. Nessa prática, a um só tempo, se observa e se convive com as plantas, amplia-se os conhecimentos sobre a vida vegetal, os ecossistemas, a biodiversidade e sobre o modo de se viver com essa malha viva (*meshwork*) - na expressão do antropólogo Tim Ingold (2015), e observa-se as plantas entremeando e formando as roupas. Conhecida como sustentável, essa moda se relaciona com questões que permeiam a era atual, o Antropoceno, revendo os impactos que a moda convencional tem causado ao longo do tempo. Colocando a natureza, e não o lucro, no centro das decisões, a moda sustentável questiona o convencional e, no limite, o próprio capitalismo que, por muito tempo, conheceu a natureza apenas como recurso natural ilimitado.

Palavras-chave: educação da atenção e dos sentidos; plantas: moda sustentável; tingimento natural

¹ Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Tingimento natural com plantas

A serragem alaranjada é colocada na superfície da água quente². Ao afundar forma um vermelho vivo que se espalha pela água e pode ser visto tomando as dimensões do becker de vidro. A tintureira que iniciou o processo aquecendo a água e colocando nela a serragem observa de perto me dizendo que se encantou, que é mágico. Ficamos em silêncio por alguns segundos, olhando a serragem se transformar em cor. Os olhos da tintureira brilham e, ainda olhando a cor, ela me diz: eu fiquei encantada.

Na sequência ela apanha um pequeno retalho branco de tecido e passa a mergulhar parte dele na tinta feita de serragem residual de pau-brasil certificado, oriunda da Arcos Brasil, fábrica de arcos de violino do Espírito Santo. Do branco o retalho vai a um tom amarelo claro. Nesse momento ela me diz: está amarelo porque está sem mordente. Depois, lava o pequeno tecido com água corrente e, mergulhando-o novamente na tinta, vemos as pontas ficarem laranja. Numa nova lavagem e em um novo mergulho, a cor laranja passa a ser predominante. A tintureira já fez vários tingimentos com pau-brasil ali na tinturaria natural que fica no “galpão”³ da marca Flavia Aranha em Perdizes, São Paulo, e me mostra, através de um catálogo, as cores e tonalidades obtidas com diferentes tecidos como seda e linho. Dentre os experimentos está uma seda tingida com pau-brasil e ferro, que resulta em um tom roxo, um de seus preferidos, ela me diz. Se o tecido tivesse tomado o banho de mordente antes do mergulho na tinta feita com plantas, teríamos a cor vermelha, ela me diz, referindo-se à cor que mais predominantemente se extrai do pau-brasil e também ao processo de tingimento natural por completo, pois ali ela estava fazendo uma pequena demonstração do processo para mim.

² Este trabalho tem como base uma pesquisa em andamento sobre moda e sustentabilidade na área de Antropologia, centrada na marca Flavia Aranha. Está, portanto, ancorado em pesquisa bibliográfica e em um trabalho de campo em curso, que vem sendo feito desde 2019. Este último abarca idas às lojas e ao galpão (onde estão ateliê, lavanderia e escritório), bem como doze conversas informais já realizadas com a equipe e com parceiros da marca e ainda quatro entrevistas já concedidas por pessoas que atuam ou atuaram na equipe Flavia Aranha – onde identidades e cargos estão preservados. Inclui ainda a participação da pesquisadora, de forma online ou presencial, em eventos e bazares realizados pela marca e em eventos nos quais Flavia Aranha participou. Em adição, acompanha-se a marca também por meio do site e redes sociais – principalmente o Instagram, bastante utilizado no campo da moda –, e de entrevistas e matérias divulgadas sobre ela em publicações e meios digitais.

³ Galpão, roupa viva e teia viva encontram-se entre aspas para destacar seu sentido êmico, que é mantido ao longo do texto, mesmo quando as palavras aparecem sem aspas. No galpão da marca, que mencionamos neste parágrafo, estão situados, além da tinturaria natural, o ateliê, a lavanderia, o administrativo e o financeiro da marca.

O tingimento natural é praticado há muito tempo, fazendo uso de corantes naturais e variando ligeiramente a partir de cada povo e região que o pratica. Até o século XIX, quando os corantes artificiais passaram a dominar a indústria têxtil, o tingimento natural predominava e os corantes naturais (vegetais ou mesmo baseados em insetos) eram utilizados largamente, como mostra a pesquisadora Alexandra Ai Quintas (2019: 240). Na Índia e no Egito, por exemplo, há indícios de tingimento natural que datam de mais de dois e três mil anos antes de Cristo, respectivamente, apesar das dificuldades intrínsecas à conservação de roupas ao longo do tempo, como mostram os pesquisadores Bechtold, Turcanu, Ganglberger, Geissler (2003: 499). Sendo ensinado, de forma geral, por meio do conhecimento transmitido oralmente e também pela observação, trata-se de algo que segue vivo em diferentes regiões do mundo.

Na marca Flavia Aranha entende-se que o tingimento natural começa antes do processo que permite colorir as roupas, na medida em que ele existe porque outros mais, como agricultores que cultivam plantas orgânicas e/ou agroecológicas em solos férteis e sem uso de venenos, existem antes de qualquer roupa ou tingimento natural. A marca, iniciada em 2009, em São Paulo, torna-se possível a partir dos trabalhos da estilista com parceiros de diversas regiões brasileiras e vem sendo reconhecida dentro e fora do Brasil como marca sustentável. Nesse sentido, é prioritariamente de plantas orgânicas que as fibras têxteis e os corantes naturais utilizados na marca são criados. A partir dessas, é possível realizar o processo de tingir roupas com plantas, fazendo com que exista o que a marca emicamente chama por “roupa viva”. Essa se refere tanto à vida da roupa em si, cuja cor se transforma ao longo do tempo e cuja matéria pode, ao final, se biodegradar, quanto se relaciona com a vida das plantas, a fertilidade da terra e ao cultivo destas pelas pessoas. Nesse escopo, a ideia de vida circula na e pela roupa viva e também está no tingimento natural, onde as plantas são transformadas em cores.

Ao qualificar a roupa com a palavra viva, essa ideia se replica e remete à ideia de transformação que a vida guarda dentro de si. A relação entre vida e transformação, por sua vez, vem sendo tratada pelo filósofo Emanuele Coccia (2018, 2020)⁴ - que inspira a própria estilista Flavia Aranha. O filósofo (2018) mostra que nós, humanos, as plantas e os animais vivemos a mesma vida que tudo que nos rodeia. Assim como a lagarta e a borboleta vivem uma mesma vida,

⁴ Tal como este expôs em sua fala no evento “Selvagem: ciclo de estudos sobre a vida” (2020).

transmitida em dois diferentes corpos, que pertencem a diferentes mundos específicos, nós vivemos uma mesma vida que é transmitida de corpo em corpo, de planta a planta, de espécie a espécie. Ao nos nutrirmos, como Coccia mostra, nos alimentamos de outras vidas, de outrem, de outro vegetal, animal, outro ser vivo: a vida, portanto, se alimenta de vida e nós somos multiespecíficos. Quando os seres se findarem, alimentarão outros seres minúsculos que se nutrirão do que restar.

A roupa viva, por sua vez, começa na terra, com as plantas prioritariamente orgânicas sendo cultivadas pelos parceiros da marca Flavia Aranha, que depois são colhidas e transportadas. Por conseguinte, serão transformadas em tecidos ou cores que vão compor as roupas da marca. As plantas que, seguindo as análises do filósofo (Idem, Ibidem), são formadas pela vida que as rodeia, serão transformadas à medida em que percorrem esse trajeto, entrando em contato com outros humanos e não-humanos. Na marca Flavia Aranha as plantas ganharão forma de roupa viva, que, por sua vez, seguirá se transformando quando vestidas, cuidadas, guardadas, até, em algum momento, quando descartadas, dada sua matéria-prima de base, possam ser transformadas em nutrientes, fertilizando a terra e alimentando outros seres e ciclos.

Tal como tudo que é vivo, a roupa tem começo, meio e fim. Ela faz parte de um ecossistema que integra o natural e o urbano, e busca expressar esses trajetos de forma a dar transparência a ele e ao processo. Tais relações e conceitos estão sendo, ao longo do tempo, comunicadas pela marca, nestas e em outras formas pronunciadas com palavras ou por outros meios, como entrevistas, falas e lives da estilista, por meio de vídeos com imagens que remetem a esses valores, por meio das próprias roupas, das lojas, pelas relações intrínsecas que a marca estabelece entre humanos e não-humanos, e por outros canais, como o QR Code das etiquetas das roupas, cujo acesso via celular permite saber mais sobre a história daquela roupa.

No momento do tingimento, o primeiro passo é a pesagem das fibras têxteis (que podem ser tecidos ou roupas já costuradas). Depois se mensuram os proporcionais de sabão, de mordente, de planta e de tanino. Tais medidas requerem pesagens em balanças para que se tenha precisão e cada uma delas é feita a partir do peso da fibra têxtil a ser tingida. Com as proporções feitas, começam outras etapas. Para cada uma delas é preciso preparar as extrações de mordente, de corante de planta e de tanino, que, em geral, são feitas na tinturaria natural da marca. Cada uma destas resulta de um banho de 30 minutos com água corrente. No caso do processo manual, esses

componentes são colocados em uma panela sobre o fogo e, ao final do tempo previsto, são coados para que não guardem resíduos - pois podem gerar manchas, que são indesejáveis quando se quer uma cor homogênea. Os tingimentos naturais manuais, cujo processo acompanhei, percorrem essas quatro etapas, e as industriais também. A primeira delas é a purga, depois seguem-se os banhos de mordentes, fixadores e cores, realizados cada um de uma vez, em uma panela. No tingimento natural industrial, ao invés de panelas se usam máquinas, aumentando a quantidade de fibras têxteis a serem tingidas.

É depois da obtenção dos extratos que as fibras têxteis vão passar a fazer parte do processo. A primeira etapa é a limpeza do tecido, conhecida como purga, a segunda é o banho com mordente, a terceira é o banho com plantas e a quarta é o banho com tanino. Na purga se faz a limpeza das fibras têxteis com sabão natural (que pode ser de côco ou de óleos vegetais por exemplo), etapa importante que diminui as chances de manchas durante o tingimento. No banho com mordente a fibra absorve o alúmen, sal mineral passível de uso em todos os tecidos e que permite fixar a cor que virá na sequência. É no banho com plantas que a fibra ganha a cor, a depender da planta e da quantidade utilizadas. Ainda para as fibras vegetais, como algodão e linho - e não para as de origem proteica como seda e lã, segue o banho de tanino, também fixador, que pode ser vegetal, de acácia negra, ou outras folhas e ervas, como de caju, goiaba e chá preto. Na sequência as fibras passam por secagem e depois seguirão para as etapas de revisão, onde são conferidas, e acabamento, onde são colocadas etiquetas, por exemplo, para depois serem passadas e colocadas em saquinhos de algodão orgânico, onde serão guardadas, e depois transportadas para lojas e e-commerce.

Ao descrever o tingimento natural, a estilista Flavia Aranha apresenta-o como um balé onde as fibras dançam confortavelmente dentro dos banhos. Neste sentido, garante-se espaços para a dança e diminui-se a chance de atritos. A estilista entende que realizar o tingimento natural é entender as plantas e a natureza a partir de uma perspectiva mais holística, conectando-se com elas. Nele, ao mesmo tempo se alia o conhecimento da técnica com a fluidez do processo. Na experiência em si, observa-se a atenção da tintureira, a temperatura da panela, a transformação do tecido que é colorido pelas plantas, as plantas que exalam cores e dedica-se atenção aos elementos ali envolvidos. Neste sentido, a cor vai chegar à fibra por meio da prática do tingimento natural feito pela tintureira e será atraída pelos fixadores e, assim, a química acontece. Nesse processo, ainda

que tempo, temperatura e proporções possam ser medidos e controlados, atenção, observação, confiança, conexão, habilidade e fluidez são aliados e salutares.

Nesse emaranhado, as evitações e as imprevisibilidades são aliadas. Dentre as evitações está, por exemplo, a entrada de ar. Evita-se que o ar entre quando os tecidos são colocados nos banhos, e busca-se que não haja bolhas de ar no encontro entre o ar e a água, o que evita futuras manchas no tecido. Dentre as imprevisibilidades, está o clima e a frequência de chuvas, muitas vezes mais irregulares, o que impacta o cultivo e o crescimento das plantas prioritariamente de base natural orgânica e agroecológica, cultivadas por agricultores que levam a sério e praticam esses modos de plantar e são mais impactados por alteração no clima. Outra imprevisibilidade, por exemplo, diz respeito às alterações de cores que plantas podem oferecer de um tingimento para outro (com variações aparecendo mesmo que se use a mesma receita).

O tingimento natural, no entanto, como narram outras tintureiras que atuam ou atuaram na marca e como já mencionado, se contrapõe à previsibilidade e ao controle que a indústria têxtil convencional cultiva ao tingir com corantes artificiais e compor roupas com fibras mais estáveis cuja obtenção depende menos das variações de clima ou das plantas, uma vez que a desestabilização é retirada pela presença de venenos e artifícios que a sustentam. Tal indústria estabilizou o natural, tornando-a sua produção mais constante sem mensurar os impactos que geram às pessoas e ao meio ambiente. Vivendo com a imprevisibilidade, o tingimento natural e culturas como a do *slow fashion* e da moda sustentável buscam não preferir o que é artificial, e privilegiar o que é vivo e natural. Essa escolha carrega em si desafios que se desdobram ao tentar seguir o curso das plantas e do meio ambiente que, quando pensadas pela via do tingimento natural, guardam em si instabilidades.

A roupa viva alia controle e imprevisibilidade ao conhecimento aprofundado em torno do tingimento natural e das plantas e soma também tecnologia e pesquisa sobre cultivos, métodos, técnicas para se aprimorar o processo e melhorar seus impactos positivos. A equipe, em especial as tintureiras, dentre as quais a estilista Flavia Aranha se inclui, desenvolvem o *savoir-faire*, saber fazer, permitindo que o tingimento natural seja desenvolvido na marca. Isto exige uma dimensão de conhecimento e também uma dimensão física e atenta na relação com as plantas, as fibras e

as cores que os tintureiros fazem circular entre banhos frios e quentes em grandes painéis, e também em máquinas industriais, por exemplo.

A depender do tecido, do mordente, da planta tintória, da panela ou da máquina, da temperatura, do tempo, da observação, da atenção, do conhecimento e do cuidado do tintureiro, as tonalidades das cores podem variar. Tecidos finos como a seda, tingidos em painéis por meio de um processo manual, envolvem plena observação e atenção humanas. A exemplo, a observação do banho e do tempo são elementos importantes, uma vez que quanto mais tempo esses tecidos permanecem no banho quente com corantes naturais mais tendem a escurecer. Tecidos como esses não passam pelas máquinas de tingimento natural, pois podem enroscar e rasgar. Nas máquinas, vão ser colocados tecidos minimamente mais espessos, como o modal e o algodão, o que agiliza o processo e exige menos manipulação e, portanto, menos atenção em determinadas partes do processo, por exemplo, quando o tecido está propriamente na máquina.

Atenção e afeto

A atenção e a presença fazem parte do tingimento natural, que muitas vezes é tratado como semelhante a uma meditação, onde a tintureira está concentrada, ativa e, ao mesmo tempo, um pouco relaxada. Algumas tintureiras relatam isso. Muitas das pessoas que atuam ou atuaram no tingimento natural da marca me disseram, ainda, ter aprendido todo o processo na própria marca. Esses conhecimentos são aprendidos durante o trabalho com o tingimento e também em oficinas oferecidas pela estilista e tintureira Flavia Aranha bem como por pessoas que já atuavam na equipe interna da marca e que ensinaram o processo na prática. Nesse processo, o corpo, a atenção e o pensamento estão envolvidos com elementos como os já mencionados e com um fazer que vem sendo repetido há muito tempo por diferentes gerações e povos, em diferentes partes do mundo. Uma vez feito com plantas tintórias e alimentos, como a cebola, cuja casca é usada para o tingimento, esse processo guarda, ainda, relações com as práticas culinárias que nutrem as pessoas e a vida a partir de plantas e outros gêneros alimentícios. No tingimento natural, além da técnica, do afeto, a atenção também faz parte do processo.

Na impressão botânica cada tintureira fica na sua mesa, concentrada, colocando cuidadosamente as plantas sobre os *panôs* (rolos de tecido) que serão, depois, imersos na água quente. Uma delas me conta que versa com, ou conversa, com as plantas e com os *panôs* durante a impressão botânica ou mesmo durante o tingimento natural, dizendo que elas ficarão lindas em si mesmas e no corpo das pessoas, e, ainda, que irão embora do ateliê, como as roupas que foram para Portugal - a marca tem lojas e parceiros de comércio no Brasil, em Portugal e na França. Nesse versar com, havendo a necessidade de ocorrer reprocesso - que é a realização de um novo tingimento natural - ela lhes diz “vão sofrer”, pois terão que ir para a panela novamente.

Nesse sentido, ela me diz que passa-se, assim, uma espécie de amor para as peças, como a própria estilista e a tintureira concordam. Conversando e se comunicando com as roupas a tintureira sempre tinha o resultado esperado, e sempre acreditou nisso ao iniciar um tingimento em que, por exemplo, extrai-se cor de cascas de cebola, que emanam a cor dourada através da impressão botânica; de pau-brasil, crajirú e urucum, que proporcionam tons de vermelho e da catuaba, que possibilita tons de laranja. O índigo, por sua vez, como uma das tintureiras narra, é como uma metamorfose: a roupa colocada manualmente no banho de índigo fica esverdeada num primeiro momento e, quando retirada, ao entrar em contato com o ar, vai ficando azul: é encantador. Tal transformação remete uma das tintureiras à transformação da lagarta em borboleta, como uma beleza que se revela no processo.

O tingimento natural agrega, então, a dimensão do afeto, que delinea o deixar-se afetar pelo outro, neste caso com humanos se deixando afetar por não-humanos, que também os afetam. Essa dimensão carrega também o encantamento ao ver com seus olhos a planta se transformar em cor e ao se relacionar mais fortemente ao processo. Essa relação afeta, por exemplo, as decisões e a trajetória das tintureiras. Uma das tintureiras me conta que, após trabalhar na marca, fez uma tentativa de retornar aos trabalhos na indústria têxtil convencional, o que se tornou difícil depois de praticar o tingimento natural e as práticas que se delineiam a partir dessa perspectiva, como entender que o que vem da natureza deve a ela retornar e que é preciso se atentar aos resíduos deixados no mundo tanto pela moda quanto por pessoa.

O encantamento, por sua vez, aparece ainda quando tintureiras vindas da indústria têxtil convencional passam a trabalhar com o tingimento natural, convivendo mais de perto com plantas

e cores naturais que se transformam a cada novo processo. Em outras trajetórias, há tintureiras que já se interessavam por questões relacionadas ao meio ambiente, tendo o tingimento natural intensificado esse interesse e mostrando caminhos para seguir neste sentido mesmo fora da marca Flavia Aranha - dado que algumas das entrevistadas já haviam deixado de atuar na marca. Assim, o contato com o tingimento natural envolve encantamento e afeto.

Deixar-se afetar, por sua vez, é uma dimensão tratada no campo da antropologia. A partir de imersões em campo, a antropóloga Jeanne Favret-Saada ([1990] 2005) e o antropólogo Marcio Goldman (2003), mostram que, ao levar a sério o saber que os nativos têm sobre o mundo, eles são afetados. No caso de Goldman (2003: 450), o evento que o “atingiu em cheio” ocorreu quando ele ouviu os atabaques dobrarem ao final de um despacho de candomblé, em Ilhéus, na Bahia, onde realizava sua pesquisa de campo. Favret-Saada ([1990] 2005: 157), por sua vez, foi “pega” pela feitiçaria no Bocage francês, experienciando a feitiçaria em outros termos, diferentes do lugar de onde folcloristas e antropólogos podiam observar. Tais experiências permitiram a ambos o estabelecimento de uma certa comunicação involuntária no campo. Essas percepções, narradas por tais antropólogos, iluminam as reflexões em torno do tingimento natural e sobre o modo como esse afeta as pessoas que observam de perto esse processo.

Ao realizar duas oficinas abertas ao público ministradas por Flavia Aranha e mais uma pessoa de sua equipe em 2018 no Sesc São Carlos, junto ao público experienciei essa transformação da planta em cor. Em vídeos da marca e de outros tintureiros, além do vermelho do pau-brasil que presenciei se transformar nas oficinas e também na tinturaria natural da marca, pude ver a extração do corante e o tingimento natural com índigo. Essas transformações desestabilizam a compreensão sobre cores na moda, que, de forma geral, estão prontas e disponíveis nas roupas que vestimos ou em forma de corantes artificiais. Ao realizar o tingimento natural e ver as cores se formando e, ainda, sabendo que elas vão se transformar depois que se fixarem na roupa - podendo um dia até mesmo se desfazerem por completo -, a transformação se torna algo notável.

Ao conhecer o processo pode-se pensar a roupa através dele e rememorar a transformação e a finitude a um só tempo no plano cotidiano: pelo uso, pela lavagem, pela secagem e pelas mudanças que, ao longo do tempo, vão se conformando na cor. A surpresa da planta tornando a roupa colorida encanta e acompanhar o processo de transformação da cor ao longo da vida da roupa

retoma a ideia da vida e suas etapas (de forma geral, nascer, se transformar e morrer), recolocando nesse trajeto o encantamento e as surpresas que podem se evidenciar. Observando de perto esses processos é difícil não ser afetado, ao menos em alguns momentos.

O afeto, o encantamento e o cuidado não se dissociam da roupa viva feita por essa marca. O cuidado percorre o tingimento natural, depois as roupas, seu uso e descarte e também está presente antes desse tingimento, na relação com a terra. Para mais, todos esses aspectos estão na vida humana. Afetar-se experimentando tingir com plantas, neste sentido, me permitiu aguçar sentidos como tato, olfato, visão, e até audição e paladar. A experiência tátil está envolvida em todas as etapas da moda têxtil que gera uma que veste o corpo tomando contato principalmente com a pele, maior órgão do nosso corpo. O olfato também ganha destaque à medida que o tingimento natural e também as fibras têxteis naturais exalam perfumes, a depender das plantas e fibras envolvidas. A visão é, como sabemos, um sentido acionado permanentemente na moda, que mobiliza imagens e olhares. No plano da audição, as palavras e as ideias que circulam pela moda sustentável são diferentes da moda convencional, ainda que siga dialogando com ela.

Por fim, o paladar também é acionado na degustação das comidas e bebidas nos eventos e no almoço com a equipe na marca, em que experimenta-se muitos alimentos orgânicos preparados em petiscos e pratos leves bem como águas saborizadas com frutas e ervas e vinhos, alguns de base orgânica que são servidos em eventos e nos almoços do galpão. Ao se emaranhar no processo onde as roupas vivas são feitas sente-se os sentidos serem afetados. Para além das roupas, há uma gama de outros humanos e não-humanos que são mobilizados e que afetam nossos sentidos e nos permitem conhecer e experimentar outras relações entre humanos e não-humanos que abrem e ocupam cada vez mais espaços no mundo para nele durar e depois se desfazer buscando fertilizar a terra, as ideias e a vida.

A atenção no tingimento natural também se relaciona com o afetar-se, pois se está envolvido e dedicado a ele. A atenção, como mostra o antropólogo Tim Ingold (2010), é parte da educação e do conhecimento acumulado que cada geração dá à seguinte através do que ele vem chamando de “*educação da atenção*”. Buscando explicar como as representações são transmitidas de geração a

geração, Ingold⁵ (2010: 8) mostra que aquilo que é fácil de lembrar ficará retido na cultura. Para ele, histórias e mitos, ainda que complexos, são mais fáceis de lembrar do que listas telefônicas, por exemplo (Ingold 2010: 8). É nesse sentido que Ingold (2010: 9) afirma que a “cultura, em suma, é parasita das estruturas universais de cognição humana” e que o acúmulo do amplo conhecimento que temos é possível “porque pousamos nos ombros de nossos predecessores” e em sua sabedoria que cada geração alcança e ultrapassa (Ingold 2010: 6-7).

O tingimento natural persiste a muito tempo no mundo, sendo contado e recontado seja oralmente, por meio da escrita e/ou de imagens. Ele segue existindo e sendo realizado tendo como base conhecimentos anteriores para extrair cores de plantas. A medida em que a tintureira o faz frequentemente, ela tanto alcança quanto pode ultrapassar o que conheceu, podendo aliar ao tingimento natural feito manualmente, por exemplo, possíveis tecnologias industriais que diminuem tempo e uso de água no tingimento de uma maior quantidade de tecidos que ganham cores a partir das plantas. Quanto mais se conhece e se realiza o tingimento natural, mais essas possibilidades podem aparecer. No caso da marca Flavia Aranha, como temos notado, quanto mais se realiza o tingimento natural e também quanto mais se dialoga com parceiros, mais se torna possível ampliar a compreensão e as habilidades nesse processo.

A *habilidade*, como mostra Ingold (2010: 18), é a base para o conhecimento humano, e o praticante habilidoso responde de forma contínua e fluente à eventuais perturbações do ambiente percebido e seu movimento corporal e é, ao mesmo tempo, um *movimento de atenção* (Ingold 2010: 18). Ele olha, ouve e sente mesmo quando trabalha e essa capacidade de resposta sustenta as capacidades de cuidado, avaliação e destreza, que caracterizam a obra executada com maestria. A exemplo, o autor (Ingold 2010: 19) demonstra que uma receita culinária em um livro abre caminho para o conhecimento, é uma experiência familiar a partir da experiência anterior e ganha uma rota compreensível por meio dos conhecimentos acumulados por seus antecessores, também por quem vai fazer a receita e pelo próprio fazer da receita (Ingold 2010). Ampliar o conhecimento, nesse sentido, trata-se não de um aumento de transmissão de informação, mas de uma redescoberta orientada (Ingold 2010).

⁵ Ingold se baseia nas análises do cientista cognitivo e filósofo Dan Sperber. Para mais, ver mais em Ingold (2010: 6-8, 25)

Uma receita culinária em um livro existe, primeiro, como um arranjo de tinta em uma folha de papel que precisa ser lida⁶, como mostra Ingold (2010: 19-20). O tingimento natural pode ser também pensado nessa chave. Ele está inscrito na roupa da marca Flavia Aranha como um arranjo de plantas tintórias e de fibras têxteis emaranhadas cuja história, para ser conhecida, precisa ser contada. Para a receita ou para essa roupa, tanto se pode ler e reler a receita sem cozinhá-la quanto vestir a roupa viva sem saber fazer o tingimento natural. É, no entanto, ao fazer ou ver uma receita ou um tingimento sendo feitos é que se pode observar o processo por trás da comida ou da roupa pronta. Como nos mostra Ingold (2010: 12), faz-se uma receita copiando, e também olhando, ouvindo e sentindo as atividades que cozinheiros capacitados estão fazendo, seguindo-os a fim de alcançar a essência do desempenho fluente - e não copiando qualquer transcrição automaticamente (Ingold 2010: 21). A tintureira que aprende o tingimento natural realiza também ações similares ao do cozinheiro aprendiz do exemplo ingoldiano. Para mais, ambos estão em ambientes similares, onde junto a panelas, água, fogo, plantas e vegetais se prepara algo, que, a depender dos ingredientes, das habilidades e das técnicas utilizadas, pode tanto ser uma comida quanto uma roupa. Vale aqui lembrar que o tingimento natural pode ser feito com restos de alimentos, como as cascas de cebola, romã e jaboticaba, por exemplo, e que roupas podem ser tingidas em casa, por exemplo, na cozinha onde se prepara a comida - em geral isso se dá em experimentações mais caseiras e menos ligadas ao tingimento natural feito em espaços profissionais como as marcas de moda.

Como analisa Ingold (2010), mostrar algo a alguém “é fazer esta coisa se tornar presente para esta pessoa” (Ingold 2010), o que, no caso do tingimento natural, é mostrar o que está envolvido nas tramas da roupa viva, conhecendo de forma tátil uma das partes mais distintivas, que é quando a roupa ganha cores a partir de plantas. Ao aprender sobre o tingimento natural copiam-se as ações da tintureira que ensina novos interessados para que obtenham cores a partir das plantas, buscando lidar com condições inerentes ao processo que, como já mencionado, não são as mesmas o tempo todo. Assim, as mais habilidosas mostram o processo a outras interessadas que podem olhar, ouvir, sentir e tocar as cores, as plantas, os elementos, os utensílios, os tecidos e as roupas.

⁶ Ingold novamente se baseia nas análises do cientista cognitivo e filósofo Dan Sperber. Para mais, ver mais em Ingold (2010: 20)

Ingold (2010: 19, 21) destaca que uma geração passa a outra é uma *educação da atenção*. Essa é uma reflexão ligada à ideia de ecologia, que entende a percepção como a atividade de um organismo em um ambiente, aprendendo “através de uma sintonia fina ou sensibilização de todo o sistema perceptivo” (Ingold 2010: 21). Por exemplo, o lenhador experiente olha o entorno e orienta-se sobre onde e como cortar as árvores, consultando o mundo, que é o seu melhor modelo - e não consultando uma representação. Ao pensar a roupa viva feita em uma teia viva⁷ é possível dizer que a estilista olha o mundo e o consulta, observando o que está vivo e dentro de um ecossistema sustentável. A partir dessa perspectiva, junto à equipe e aos seus parceiros, o conhecimento acumulado se desdobra em ação e em roupas que ressoam o ambiente em termos prioritariamente sustentáveis. Nesse sentido, o tintureiro que aprende com outro acompanha um outro ser humano, mesmo que brevemente e, no caminho que percorre pelo mundo observador e observado caminham na mesma direção criando roupas. Nesse trajeto, as habilidades e a atenção que desenvolvem permitem que afetos, encantamentos, outros humanos e não-humanos sejam acessados, possibilitando, no caso do tingimento natural, a existência da roupa viva colorida e feita com e por muitos outros.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

COCCIA, Emanuele. 2018. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie.

⁷ A marca vem chamando de “teia viva” a malha de parceiros de diferentes partes do Brasil e de alguns outros países. Esses são fundamentais para que a roupa da marca exista. No entendimento da marca, a teia viva é uma soma de perspectivas, com profundidades que variam na relação com os parceiros, é criativa e potente. Nela, trata-se de compreender que novas visões de mundo podem começar até mesmo através das trocas comerciais, ou seja, elas incluem essas trocas e se desdobram em trocas intelectuais, de cooperação, de compartilhamento de visão de mundo que se aliam.

GOLDMAN, Marcio. 2003. “Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia”. *Revista de Antropologia*. 2003, 46(2). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012003000200012>. Acesso em: 9 nov. 2021.

INGOLD, Tim. 2010. “Da transmissão de representações à educação da atenção”. *Educação*, 33(1). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6777>. Acesso em: 11 nov. 2021.

INGOLD, Tim. 2015. *Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. São Paulo: Editora Vozes.

FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. “Ser afetado”. *Cadernos De Campo*, 13(13). Tradução: Paula Siqueira. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>. Acesso em 11 nov. 2021.

Fontes em meio eletrônico

ARCOS BRASIL. Disponível em: <http://www.arcosbrasil.com/>. Acesso em: 17 jul. 2020.

BELIEVE EARTH. Flavia Aranha: o encontro ancestral com tecnologia. Disponível em: <https://believe.earth/pt-br/flavia-aranha-o-encontro-ancestral-com-tecnologia/>. Acesso em: 11 jul. 2020.

BIKINILIFE. O DNA sustentável de Flavia Aranha. Disponível em: <https://bikinilife.com.br>. Acesso em: 19 maio 2021.

EMANUELE Coccia no Selvagem Ciclo 2019. [S.l.: s.n.], 2020b. 1 vídeo (25 min). Canal SELVAGEM Ciclo de Estudos sobre a Vida. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HAA5_BsDYYU. Acesso em: 4 maio 2020.

FLAVIA ARANHA. Site. Disponível em: <https://www.flaviaaranha.com/>. Acesso em: 20 maio 2021.

FLAVIA ARANHA_ Instagram flaviaaranha_. Disponível em: <https://www.instagram.com/flaviaaranha/>. Acesso em: 20 maio 2021.

FLAVIA ARANHA. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/flavia.aranha.7>. Acesso em: 26 jun. 2020.

FLAVIA ARANHA. Facebook. Loja. Disponível em: <https://www.facebook.com/flaviaaranha.loja/>. Acesso em 26 jun. 2020.

FLAVIA ARANHA. Vimeo. Disponível em: <https://vimeo.com/flaviaaranha>. Acesso em: 26 jun. 2020.

FLAVIA ARANHA. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCkDnX3DVuAXLLUhcFQSyGqQ>. Acesso em: 26 jun. 2020.

FLAVIAARANHA_EUROPE. Instagram flaviaaranha_europe. Disponível em https://www.instagram.com/flaviaaranha_europe/?hl=pt. Acesso em:

FLEURY. Uma ode ao conforto. Revista Fleury, ed. 32. Disponível em: <https://www.fleury.com.br>. Acesso em: 20 maio 2021.

FFW. A nova loja de Flavia Aranha nos Jardins em São Paulo. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br>. Acesso em: 20 maio 2021.

FFW. SP EcoEra. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br>. Acesso em: 21 maio 2021.

FFW. Flavia Aranha cria moda atemporal, num processo de tingimento com plantas e confecção do próprio tecido. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/noticias/>. Acesso em: 20 maio 2021.

FOLHA DE SÃO PAULO. As cores do universo de Flavia Aranha. Disponível em: <https://entretempos.blogfolha.uol.com.br>. Acesso em: 20 maio 2021.

FOLHA DE SÃO PAULO. Entenda o que é ESG e por que a sigla virou febre no mundo dos negócios. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/entenda-o-que-e-esg-e-por-que-a-sigla-virou-febre-no-mundo-dos-negocios.shtml>. Acesso em: 26 out. 2021.